

A segunda chance

POR CARLOS ALBERTO JÚLIO
DA EXAME

Um executivo de sucesso ensina como reinventou sua vida

SEMPRE ACHEI e continuo achando que o trabalho não mata. Desde os 13 anos trabalho muito, cumprindo jornadas duplas e até triplas, pois, além de executivo, há 22 anos me dedico também à docência e a fazer palestras. Adoro o que faço e sempre achei que não poderia haver dor onde havia tanto prazer.

Sim, sempre fui aquilo que se convencionou chamar de *workaholic*.

Jornadas de 15 ou 16 horas eram frequentes. Se não havia o que fazer, inventava. Ficar parado, nunca. Férias de 30 dias, um luxo de que jamais usufruí. Viagens, muitas viagens. Só para o exterior foram mais de 300 em 20 anos, para 68 países nos cinco continentes. Detalhe: nunca trabalhei com turismo ou companhia aérea. Foram 12 anos operando como *trader* e mais oito como diri-

Ao examinar a radiografia para verificar o porquê da tosse e da febre, ele começou a falar em tom grave.

gente de empresas multinacionais, o que me levava a visitar suas filiais mundo afora.

Uma vida de muito trabalho, é verdade, mas também de privilégios. Conheci culturas diferentes, hospedei-me em hotéis de luxo e frequentei restaurantes requintados. Nesses 29 anos de registro em carteira profissional, criei minha família. Um filho está cursando medicina, o outro, administração. Não enriqueci, mas vivemos bem. Nada mau para um garoto da periferia de

São Paulo que saiu de casa para trabalhar aos 13 anos.

No começo de dezembro de 1999, porém, minha vida começou a mudar. Na época, fui a Boston, Estados Unidos, negociar na matriz da empresa em que trabalhava minha saída da direção da subsidiária brasileira. Eu queria me “reinventar”, talvez dirigir uma operação maior, ganhar mais dinheiro, aproveitar as oportunidades que me eram oferecidas num país que parecia estar mudando para melhor. Essa minha estada em Boston foi marcada por algo novo, após tantas viagens: passei um dia e uma noite com febre no quarto do hotel. Preocupado, cancelei minha passagem por Nova York e tomei um voo direto para o Brasil. Fui ao médico, que diagnosticou sintomas de gripe, tosse, um pouco de febre e dores pelo corpo.

Minha preocupação maior nas semanas seguintes seria com o desligamento, que aconteceu de maneira profissional, sem traumas. Exatos 17 dias depois, passei o bastão da subsidiária ao gerente-geral da Divisão América Latina. A missão estava cumprida.

Pela primeira vez na vida estaria disponível para novos desafios, pois nesses 29 anos de trabalho sempre me desliguei de uma empresa para começar em outra, sem férias ou intervalos entre um emprego e outro. Tinha tudo para me sentir realizado e seguro.

Mas não por muito tempo. De um momento para o outro, como num

passe de mágica, algo mais forte aconteceria. Foi uma espécie de aviso para que minha reinvenção fosse completa e profunda, definitiva e não só profissional. Lembra-se daquela febre que me acamara em Boston 17 dias antes? Pois bem. Como ela persistisse, voltei ao médico, um primo meu, alguém a quem por toda a vida deverei muito.

A O EXAMINAR uma radiografia, recém-tirada para verificar o porquê da tosse e da febre intermitente, ele começou a falar em tom grave. Lembro-me, como se fosse hoje, de suas palavras precisas e duras, doloridas demais para quem se julgava um super-homem: “Você é meu primo, temos praticamente a mesma idade. Dada a gravidade do que pode vir a ser, prefiro ser claro. Vê essas manchas no seu pulmão? Pode ser uma inflamação, mas também pode ser um linfoma.” Antes que eu me recuperasse do choque, emendou: “Júlio, você pode parar tudo o que está fazendo e cuidar só de você?”

É impressionante como a vida pode mudar de sentido com uma simples radiografia. O profissional seguro, acostumado a liderar grandes equipes, o professor que sempre aconselhou, estava agora à mercê dos médicos, dos exames e, como sempre fora e continuará sendo, à mercê da vontade de Deus.

Paralelamente a isso, ou justamente desencadeado por tudo isso,

fui acometido por algo também inédito para mim: uma forte crise renal. Sentia dores terríveis e mal conseguia lembrar que havia saído de casa num lindo dia de sol, cheio de esperança e com muita vontade de repensar minha vida. (Pareceu-me que algo mais forte acontecera. Era como se Deus estivesse me dizendo: “Júlio, se você não parar, eu vou pará-lo”. Se é para repensar a vida, que não seja só a profissional.”)

Após o repouso na sala de recuperação da clínica para onde fora levado, voltei para casa, descansei por toda a tarde daquele dia e na noite seguinte. Descansar, aqui, é mera figura de linguagem, pois não desliguei um só minuto: ao contrário, nessa situação sua vida toda passa por sua mente em horas ou minutos, segundos, sei lá...

Embora meu primo tivesse dito que a mancha no pulmão poderia ser uma infecção, eu não conseguia deixar de pensar no linfoma. O medo não era da morte, mas sim de deixar de viver. Não sabia que havia aí uma grande diferença.

Queria continuar vivo para ver meus filhos se formarem. Como Marisa, minha mulher, se viraria com tudo isso? Por que não havia deixado tudo mais organizado para ela? Seguros, planos de aposentadoria... (Executivos podem ser bem remunerados; daí a ter patrimônio é outra coisa.) Tudo vinha à minha mente. Que vontade de seguir, só mais um pouco, só por mais alguns anos...

Somente no dia 4 de janeiro me

internei no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, para a biópsia que daria a sentença. É isso mesmo: sentia-me como alguém prestes a ir a julgamento e a ter o veredicto anunciado. Esses quase 20 dias, que incluíram os chamados Natal e *réveillon* do milênio, foram um período de revisão de vida. Sofri demais. E aprendi mais ainda.

No dia 5 de janeiro recebi o diag-

Nesses 20 dias de espera e angústia, aprendi muito sobre as pessoas e o carinho que elas têm por nós.

nóstico: eu tinha uma sarcoidose – enfermidade auto-imune que pode ser tratada e curada com corticóides –, e não um linfoma.

Nesses 20 dias de espera e angústia, aprendi muito sobre as pessoas e sobre o carinho que elas têm por nós. Uma funcionária minha me diz que sua mãe é evangélica e que, no culto das quartas-feiras, rezaria por mim. Meu gerente de *marketing*, com os olhos cheios de lágrimas, informa que sua mãe acabara de ligar

dizendo que faria uma promessa de viajar de Rio dos Cedros, no interior de Santa Catarina, a Aparecida, em São Paulo, para assistir a uma missa pela graça que eu alcançaria. Essa senhora, com quem nunca troquei uma só palavra, que não me conhece, fez a promessa por uma única razão: por acreditar que um dia eu fui bom para seu filho.

Mas um papel especial, sem dúvida, coube à minha mulher, Marisa, e aos meus filhos, Thiago e Júnior. Quando voltei para casa após a internação, estava decidido a esconder a verdade. Consegui segurar a notícia apenas por um dia. Fraco e chorando, contei a Marisa o que estava acontecendo.

Foi aí que me dei conta de que aquela mulher com quem estava casado há 20 anos era muito mais forte do que eu supunha. Ela, na verdade, ajudou a dar uma virada em meu estado de ânimo. Simplesmente, perguntou por que eu estava abalado por antecipação, posto que não havia um diagnóstico definitivo. “Não acredito no pior, simplesmente porque nós não merecemos isso”, disse ela. Em seguida, tratou de falar com os garotos.

Hoje, após tudo o que passei, parece-me que, muito longe de ter aplicado um castigo, Deus me deu um grande presente, ensinando-me a verdadeira importância de viver o dia-a-dia, de curtir a família e os amigos, de cuidar da saúde e, principalmente, de trabalhar com prazer. Justamente por isso, demorei-me a

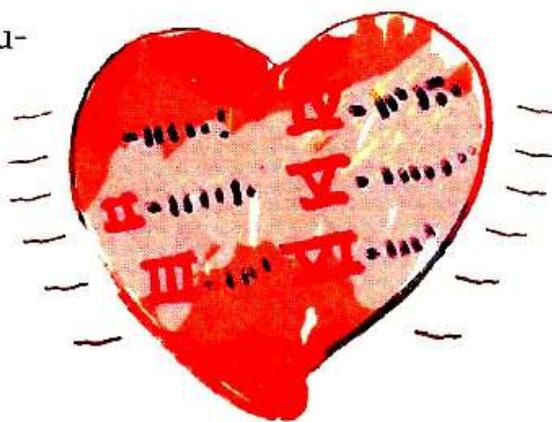
decidir sobre meu novo destino profissional, sobre o que fazer, sobre como me reinventar. Acabei optando pela área educacional, na qual busco o prazer na mesma medida em que posso ser útil à sociedade e atender às minhas aspirações financeiras e às da minha família.

Mas não foi só aí que mudei. Aprendi a gostar de chuva e de brincar com *Jade*, a minha cadela da raça labrador, passei a priorizar, de fato, e não só nas palavras, a família e os

amigos. É interessante o prazer que sinto hoje no café e no tutu de feijão, em falar mais detalhadamente com meus colaboradores, em ver que o meu envolvimento com os alunos vai além, muito além, da sala de aula. Enfim, tudo, absolutamente tudo, tem mais sabor. Quero viver cada minuto como se fosse o último, pois dessa experiência ficou a impressão de que, na hora do adeus, só restarão os arrependimentos pelo que deixamos de fazer.

COMO CONQUISTAR UMA MULHER

- Mostre sempre interesse pelas preferências dela: desde o tipo de filme até política. E prove, por meio de pequenos gestos, que se lembra delas e as leva em consideração.
- Saiba oferecer e vivenciar com ela outras opções de lazer além da fórmula “jantar + cineminha”. Isso pode dar um sabor de aventura a qualquer encontro.
- Mau humor, jamais! Controle-se. Dê um soco ou mais no volante. Grite sozinho. Mas, com ela, exiba, no máximo, um pouco de preocupação.



CLAUDIA MATARAZZO
em *Amante elegante* (Editora Melhoramentos)

SEM DESCANSO

Depois da morte de meu marido, ele recebeu uma convocação para ser jurado. Informei ao tribunal que ele estava morto, mas logo recebi outra carta, também endereçada ao meu falecido marido. “O senhor foi permanentemente liberado do corpo de jurados, com base na documentação que indica sua incapacidade permanente de servir”, dizia a carta. “O senhor não deverá receber outras convocações. No entanto, caso mude de nome ou endereço, tal documento pode lhe ser inadvertidamente enviado.”

BARBARA MUSKIN, EUA